

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS
DEFICIENTES AUDITIVOS

Orientadora: *Marilêa Grein Barbosa
de Almeida*
Aluna: *Shirlei de Fátima Bukowski*

CURITIBA

1988

"Vivendo-se ao lado de um surdo-mudo, é que se percebe, como são poucas as palavras que merecem ser ditas."

O complexo de inferioridade criado pela deficiência auditiva é um obstáculo que deve ser superado...

Espero que os surdos que estão sendo educados, possam chegar ao que eu logrei; também gostaria que os que ainda não puderam educar-se alcancem um objetivo tão importante como é a comunicação com os ouvintes. Asseguro a vocês que não se deve ter medo: devemos ter coragem, porque na vida as coisas não são tão impossíveis...

MARIALÍ

AGRADECIMENTOS

Seria displicente da minha parte não aproveitar este momento para agradecer a compreensão e o carinho de todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização do Curso e também a conclusão deste trabalho.

A todos expresso aqui a minha gratidão.

Aos meus "colegas" de curso pelas experiências que juntos passamos, tenho certeza que jamais serão esquecidas.

"Meu abraço"

A "Escola Estadual Barão do Rio Branco" pela compreensão da importância deste evento.

"Muito obrigada"

A "Coordenação e aos professores" deste curso que não vacilaram em transmitir as suas experiências para enriquecer os meus conhecimentos.

"Minhas saudades"

A "professora M. SC. Marilêa Grein Barbosa de Almeida" que com muita paciência, sugestões e atenção possibilitou a realização deste trabalho.

"Minha admiração"

A minha "mãe Euflorzina da Silva" que sempre soube me ouvir e me ajudar nos momentos de angústia e indecisões e que jamais mediu esforços para ver o meu crescer.

"Minha eterna gratidão"

Aos meus "queridos filhos Melissa, Milena e Claudinho"
que pacientemente souberam aguardar a minha atenção.

"Ofereço-lhes esta vitória"

Ao meu "esposo Cláudio Luis" que com carinho e amor com-
partilhou comigo de todos os momentos da minha formação.

"O meu eterno amor".

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	APRESENTAÇÃO	1
1.2	JUSTIFICATIVA	2
1.3	PROBLEMA	3
1.4	DEFINIÇÃO DOS TERMOS OU VARIÁVEIS	3
2	EMBASAMENTO TEÓRICO	4
2.1	IMPORTÂNCIA DE OUVIR E FALAR	4
2.2	A CRIANÇA DEFICIENTE AUDITIVA	6
2.3	ASPECTO FISIOLÓGICO DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA	7
2.4	AVALIAÇÃO DA SURDEZ	11
2.5	MÉTODOS UTILIZADOS PARA QUE O DEFICIENTE AUDITIVO ADQUIRA LINGUAGEM	12
2.6	ALFABETIZAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO	18
3	METODOLOGIA	26
3.1	ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	26
4	CONCLUSÃO	41
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização tem causado muita polêmica, não somente para os professores da Educação Especial, mas também tem sido motivo de preocupação para todos os educadores de uma forma geral.

Sabe-se que a alfabetização é a base de toda a aprendizagem, que visa não apenas a aquisição de conhecimentos mecânicos da leitura e da escrita, mas, preocupa-se também com a promoção do indivíduo através da realização pessoal e social.

Assim sendo, minha intenção neste trabalho é de:

- a) investigar através de um estudo científico qual a metodologia mais adequada para a alfabetização do deficiente auditivo;
- b) analisar os métodos mais utilizados na alfabetização do deficiente auditivo;
- c) adaptar o método mais apropriado para a realidade escolar do deficiente auditivo.

Espero que este trabalho venha auxiliar os alfabetizadores e todos os profissionais que estão inseridos nesta educação, contribuindo desta forma para uma efetiva integração e desenvolvimento das potencialidades do deficiente auditivo.

1.2 JUSTIFICATIVA

A educação do deficiente auditivo tem como objetivo o desenvolvimento da linguagem, a integração e independência deste indivíduo para atuarem como membros capazes na sociedade em que vivem.

Portanto, estes indivíduos devem ser bem preparados para que as suas necessidades básicas venham a ser satisfeitas e que possam ir em busca dos seus ideais.

Sabemos das grandes dificuldades com que se deparam os deficientes auditivos no seu dia a dia, pois continuam sendo marginalizados pela nossa sociedade como "*deficientes*".

Nossa estrutura social ainda encontra-se despreparada para receber esta clientela, porque os ouvintes esquecem que o deficiente auditivo também é um ser capaz.

Sentindo a necessidade de conhecer melhor e poder contribuir com a integração deste, no mundo dos ouvintes, procurei rever e descrever aqui a importância de ouvir e falar, as causas e características da criança portadora desta deficiência, os métodos de aquisição para a linguagem além de enfatizar os métodos de alfabetização destes educandos, uma vez que este último é a minha proposta de trabalho.

E no momento que nos propormos a alfabetizar estas crianças, devemos conhecer quais são os seus interesses, necessidades e aptidões, para depois estudarmos, analisarmos e concluirmos qual a metodologia adequada para que esses educandos venham também desfrutar do prazer da leitura e escrita.

Este trabalho não apresenta nenhuma inovação, principalmente para aqueles que atuam nesta área, mas para mim torna-se significativo, pois este veio reforçar os conteúdos adquiridos

durante o curso, possibilitando-me a usufruí-los no transcorrer dos meus dias.

1.3 PROBLEMA

Qual o método de alfabetização mais adequado no ensino da leitura e escrita para as crianças deficientes auditivas.

1.4 DEFINIÇÃO DOS TERMOS OU VARIÁVEIS

Os termos definidos nesta pesquisa são:

- a) **alfabetização** - ensino da leitura e escrita que compreende não só a identificação mecânica dos símbolos gráficos, mas envolve também a compreensão dos termos da palavra;
- b) **aprendizagem** - mudança de comportamento em relação a experiências anteriores;
- c) **deficientes auditivos** - são aqueles que apresentam uma perda de audição acima de vinte e sete decibéis;
- d) **desmarginalização** - integração do indivíduo ao seu meio;
- e) **ensino** - informação de conhecimentos básicos e necessários para que todo o indivíduo possa integrar-se na sociedade;
- f) **metodologia** - são os processos de ensino através dos quais procura-se facilitar a aquisição mais eficaz do processo ensino-aprendizagem.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 IMPORTÂNCIA DE OUVIR E FALAR

"Toda criança, independente do seu nível de escolaridade, deve ter oportunidade de se expressar oralmente para poder desenvolver habilidades, hábitos e atitudes indispensáveis a qualquer indivíduo, especialmente numa sociedade democrática."

(Willian RAGAN)

Com as transformações sociais, a comunicação oral e escrita são fatores que tornaram-se ainda mais importantes para a adaptação do indivíduo nas exigências do mundo moderno.

Pesquisas realizadas por especialistas nesta área chegaram à conclusão que passamos quarenta e cinco por cento do nosso tempo **ouvindo**, trinta por cento **falando** e vinte e cinco por cento restante **lendo** ou **escrevendo**.

O aparelho auditivo é um conjunto de órgãos que através do seu bom funcionamento nos dá a oportunidade de percebermos as vibrações sonoras produzidas nos ambientes em que vivemos.

Através da conscientização dessas energias, podemos distinguir a altura, intensidade, timbre, distância e a direção dos sons.

A função do aparelho auditivo não é apenas a de se fazer ouvir, mas sim ele também mantém o equilíbrio do nosso corpo e controla a nossa voz.

A capacidade de ouvir e saber ouvir nos permite um desenvolvimento integral em nossa comunicação oral, pois através dele estamos adquirindo novos conhecimentos, permitindo a compreensão, análise e seleção das mensagens que vão sendo projetadas em nosso cérebro.

Segundo o Dr. Strickland, a habilidade de ouvir é governada pelas condições físicas, mentais e emocionais do indivíduo, bem como pelo meio ambiente (mínimo de ruídos, pouca movimentação, temperatura agradável, conforto físico, clima emocional sadio).

Assim classifica a habilidade de ouvir em estágios que são:

- a) **audição casual** - em que a criança não tem consciência do que está ouvindo; distrai-se facilmente;
- b) **audição parcial** - quando, ao ouvir alguma coisa, a criança fica presa às suas próprias idéias aguardando a primeira oportunidade para se expressar;
- c) **audição passiva** - quando a criança ouve passivamente, com aparente atenção, mas com pouca ou nenhuma reação;
- d) **audição interrompida** - quando a criança ouve durante algum tempo até que uma palavra ou idéia a leva a divagar (experiência ou interesse pessoal);
- e) **audição associativa** - quando a criança ouve, forma associativa, e responde a assuntos relativos à sua experiência, em vez de reagir ao que lhe é apresentado;
- f) **audição crítica** - quando a criança ouve e reage através de perguntas ou comentários;
- g) **audição analítica** - quando a criança pesa, analisa e avalia o que ouve, seleciona o melhor dentro do que

foi tratado.

Todos esses fatores apresentados são importantes para a aquisição de informações que irão contribuir para o bom desenvolvimento da linguagem; uma vez que esta interfere praticamente em todas as dimensões do nosso desenvolvimento, quando estamos incapacitados de ouvir e falar, apresentando assim uma deficiência auditiva que irá apresentar dificuldades no ajustamento social, escolar e ocupacional.

2.2 A CRIANÇA DEFICIENTE AUDITIVA

A fim de compreender a importância dos aspectos psicossociais do diagnóstico e do tratamento da criança deficiente auditiva, é necessário reafirmar que as crianças portadoras desta deficiência são aquelas que apresentam uma perda de audição acima de quarenta e cinco decibéis, nas frequências da fala, em ambos os ouvidos.

A deficiência auditiva é interna, diferenciando-se das demais deficiências que encontramos, portanto, quando as pessoas ouvintes deparam-se com a criança surda, sentem muita dificuldade para entendê-la e acabam ignorando-a e rotulando-a de surda ou ficam penalizados e procuram protegê-la bloqueando assim o desenvolvimento da personalidade, tornando-a dependente.

Sabe-se que a incapacidade de ouvir, já gera uma dependência, além de causar medo, angústia, agressividade, insegurança, isolamento, sendo que esses fatores emocionais irão afetar o equilíbrio da criança.

A criança deficiente auditiva tem dificuldade em articular a palavra e de compreender a linguagem, pois as mensagens nunca lhe chegam completas.

Portantanto, precisa aprender a falar e compreender o que lhe foi dito, e é através dos olhos que ela aprende a ouvir e a ler os movimentos dos lábios e as expressões faciais.

Devemos fazer com que a criança deficiente auditiva faça uso máximo das capacidades residuais auditivas que possui, habilitando-a a obter satisfações através da sua realidade, para o qual obtenha um desenvolvimento global, evitando criar e viver em um mundo de silêncio.

2.3 ASPECTO FISIOLÓGICO DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA

2.3.1 Causas da perda auditiva

As principais causas de surdez infantil apresentadas por Moores (1982) são: hereditariedade, rubéola materna, nascimento prematuro, meningite e incompatibilidade de sangue entre a mãe e a criança (Fator Rh).

2.3.1.1 Hereditariedade - A surdez adquirida através da hereditariedade é atribuída a genes dominantes, genes recessivos e genes ligados ao sexo.

2.3.1.2 Rubéola materna - A rubéola tem sido considerada a causa identificável externa mais comum da surdez, quando afeta a gestante durante os seus três primeiros meses de gestação.

2.3.1.3 Nascimento prematuro - É bastante duvidoso que o simples nascimento prematuro seja a causa da surdez. O que leva a pensar é que outros fatores podem provocar a surdez como: parto prematuro ou a perda de oxigênio ou uma lesão cerebral ocorrida

durante o parto, sejam as verdadeiras causas da deficiência auditiva.

2.3.1.4 Incompatibilidade de sangue - Sabemos que o sangue Rh positivo e Rh negativo são incompatíveis. Quando uma mulher cujo sangue é Rh negativo gera uma criança com o sangue Rh positivo, o sistema da mãe desenvolve anticorpos que podem passar para o feto e destruir as células de Rh positivo. Esta incompatibilidade de sangue entre a mãe e a criança podem causar vários distúrbios, inclusive a surdez.

2.3.1.5 Meningite - Segundo Vernon (1968), oitenta e um por cento das crianças deficientes auditivas perdem a audição após o nascimento como consequência da meningite, que consiste numa invasão bacteriana, que ocorre frequentemente através do ouvido médio.

2.3.1.6 Otite média - Esta é uma das doenças infantis mais comuns e menos graves, frequentemente causadas por uma infecção que provoca acúmulo de fluido no ouvido médio. Se esta infecção for crônica ou não for tratada imediatamente, pode causar perdas auditivas de leves a moderadas, pois a condução do som através do ouvido médio fica perturbada.

2.3.1.7 Outras causas - Além da hereditariedade e das doenças infecto-contagiosas, o uso exagerado de antibióticos, pancadas fortes na cabeça, acidentes no aparelho auditivo, sons em alta frequência também são considerados fatores responsáveis pela deficiência auditiva.

2.3.2 Tipos de perdas auditivas

Os tipos de perda auditiva dependem da localização da alteração no ouvido e nas vias auditivas.

Neste caso, os tipos de surdez podem ser: condutiva, neuro-sensorial e surdez central.

2.3.2.1 Condutiva - Quando a alteração está localizada no ouvido externo ou médio. Essa alteração provoca uma diminuição da audição no que se refere à intensidade sonora. Para alcançar o ouvido interno, as ondas de som do ar precisam passar através do canal externo do ouvido externo até o tímpano, onde as vibrações são recebidas por uma série de estruturas semelhantes a ossos, no ouvido médio, e levadas ao ouvido interno.

A seqüência de vibrações pode ser bloqueada em algum lugar do percurso. Cera ou má formação podem bloquear o canal externo; o tímpano pode estar partido ou ser incapaz de vibrar; o movimento dos ossos no ouvido médio pode estar obstruído.

Qualquer fator que obstrua a seqüência das vibrações ou que impeça que essas vibrações cheguem ao nervo auditivo pode causar uma perda condutiva.

As perdas condutivas levam a situações de audição reduzida, mas não à surdez. O próprio nervo auditivo precisa estar danificado para provocar a surdez.

2.3.2.2 Neuro-sensorial - É causada por problemas do ouvido interno ou do nervo auditivo, que transmite o impulso ao cérebro.

Quando uma lesão ao nível do Órgão de Corti, ou neural abrange as fibras auditivas do primeiro neurônio coclear das vias cocleares, esse tipo de lesão, além de provocar uma dimi-

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS DEFICIENTES AUDITIVOS

Trabalho de monografia apresentado ao Curso de Especialização em Educação Especial, do Departamento de Teoria e Fundamentos de Educação da Universidade Federal do Paraná.

nuição da audição no que se refere à intensidade sonora, também provoca dificuldade na discriminação auditiva, distorção da sensação sonora e recrutamento.

2.3.2.3 Surdez central - pode se localizar a partir do tronco-cerebral até regiões subcorticais e córtex. Esse tipo de surdez afeta a compreensão da fala.

2.3.3 Graus de surdez e suas características

Segundo a classificação de Davis, o grau da deficiência auditiva está agrupada em cinco níveis:

- a) surdez leve - 27 a 40 decibéis (dB);
- b) surdez moderada - 41 a 55 decibéis (dB);
- c) surdez acentuada - 56 a 70 decibéis (dB);
- d) surdez severa - 71 a 90 decibéis (dB);
- e) surdez profunda - mais de 90 decibéis (dB).

O deficiente que apresenta uma **surdez leve** tem dificuldade de ouvir vibrações de baixa intensidade, mas é capaz de captar a voz humana desde que não exista uma distância muito grande do emissor e que a voz não seja aguda. É preciso fazer a terapia da fala, pois tem condições de aprender a falar. Não é necessário a submeter-se em programas especiais de ensino.

O deficiente com **surdez moderada**, não consegue ouvir os sons de intensidade normal. Terá dificuldade com fonema do mesmo ponto de articulação. Compreende a fala de uma conversa, se a distância for até um metro ou um metro e meio. É indicado o uso da prótese pois tem resíduo em todas as frequências. Deve receber atendimento especial para a correção dos fonemas para melhor desenvolver os pontos de articulação.

O deficiente com **surdez acentuada**, não ouve sons de forte intensidade. Apresenta-se muito nervoso e só percebe a voz gritada. Com o uso da prótese e atendimento precoce, apresenta uma boa linguagem e pode freqüentar o ensino regular, através do atendimento fonodiológico e do professor.

O deficiente que apresenta uma **surdez severa**, percebe todas as vogais, mas possui dificuldades em todas as consoantes. Precisa de atendimento especializado para adquirir a linguagem. Não adquire conteúdo nem valores de fala e noção de esquema corporal.

Muitas vezes torna-se mudo por falta de estímulos.

O deficiente com **surdez profunda**, pode perceber sons altos e vibrações. Confia mais na visão do que na audição para adquirir informações. Aprende sons ambientais e é considerado surdo.

2.4 AVALIAÇÃO DA SURDEZ

O audiômetro é um instrumento utilizado para pesquisar o limiar absoluto dos sons puros.

Pede-se ao indivíduo que está sendo avaliado que responda quando ouvir o som do audiômetro. A audição em cada ouvido é registrada separadamente, e o nível da audição é registrado em um audiograma que mostra a perda decibel em cada freqüência relevante.

Pode-se também avaliar a acuidade auditiva através do diapasão ou através de outros testes, que utilizam listas de palavras cuidadosamente selecionadas para ouvir palavras faladas.

O resultado destes testes tem um significado educacional muito importante, pois estes determinam o tipo e a qualidade de

treinamento especial necessário, se os aparelhos auditivos e amplificadores são adequados, e se devem ser ensinados meios alternativos de comunicação, além de facilitar o trabalho do educador e todos aqueles que trabalham com o deficiente auditivo.

2.5 MÉTODOS UTILIZADOS PARA QUE O DEFICIENTE AUDITIVO ADQUIRA LINGUAGEM

Os métodos mais conhecidos e empregados na educação dos deficientes da audio-comunicação estão classificados em: métodos gestuais, métodos orais, métodos orais-gestuais (mistos) e seleção do método.

2.5.1 Métodos gestuais

Foi na Espanha, no século XVI, que o monge Pedro Ponce de Leon, introduziu o uso dos gestos na educação do deficiente auditivo.

A **linguagem gestual** ou **mímica** é um sistema de comunicação entre os deficientes auditivos e os indivíduos que apresentam audição normal.

Através dos gestos que consistem em movimentos das mãos, ou também de expressões fisionômicas, os deficientes auditivos expressam os seus pensamentos e sentimentos.

A linguagem mímica é considerada uma linguagem natural, pois todos os surdos adquirem este tipo de linguagem sem que lhes seja ensinado.

Os gestos estão classificados em:

- a) gesto demonstrativo ou indicativo - a criança aponta o local que quer os objetos ou indica o que quer nomear;

- b) gestos representativos ou imitativos - surgem da capacidade imitativa da criança; os movimentos mais simples são os de escrever, comer, dormir, tomar banho, pegar, costurar, atirar e outros;
- c) gestos simbólicos - utilizados para a transposição de idéias por associação; estes gestos não são naturais, pois são aprendidos e deve-se ensiná-los depois da aquisição da fala, utilizando estes como uma complementação da linguagem.

A linguagem mímica é inteligível, tem vida própria e modifica-se com o transcorrer do tempo.

A desvantagem que este tipo de comunicação apresenta é que o indivíduo deficiente só pode expressar os pensamentos e sentimentos que sejam mais concretos. Por ser uma linguagem pouco conhecida dificulta a integração destes com o mundo em que os cerca.

Também apresenta alterações gramaticais e sintéticas ocorrendo assim, incorreções na linguagem escrita.

O **alfabeto manual** ou **dactilológico** é a substituição das letras escritas por sinais feitos com uma determinada posição dos cinco dedos para cada letra do alfabeto. É uma espécie de escrita no ar.

Não é uma linguagem espontânea e nem natural, como a mímica, portanto deve ser aprendida. As letras devem ser corretamente traçadas, os movimentos dos dedos são contínuos, não havendo pausa. Ao se comunicarem com as mãos, as pessoas surdas geralmente usam os dois modelos juntos, soletrando com os dedos algumas palavras e expressando outras através da linguagem dos sinais.

2.5.2 Métodos orais

Visam a comunicação oral da criança, através do aproveitamento dos resíduos auditivos amplificando o som e ensinando a leitura labial e a fala para o desenvolvimento de habilidades da comunicação.

Os educadores que aderem este método não permitem a utilização da linguagem dos sinais ou da soletração com os dedos, pois partem do princípio de que a comunicação manual inibirá o aprendizado da linguagem e as habilidades orais da criança, impedindo o seu ajustamento ao mundo da audição.

Este método requer muito esforço não só da criança como também da família e da escola.

As atividades do Método Oral compreende:

- a) **treinamento sensorial** - tem como objetivo desenvolver idéias que permitam ao deficiente auditivo classificar e aumentar suas expressões básicas relacionadas ao mundo em que vive, através de atividades em que possa distinguir forma, tamanho, temperatura, espessura e outras;
- b) **leitura orofacial** - o meio fundamental de recepção oral, através da qual o deficiente auditivo chegará a compreender a nossa linguagem; leitura do corpo;
- c) **treino fonoarticulatório** - a parte mecânica da formação de sons e palavras, meio básico da expressão oral; abrange a respiração, voz, articulação e ritmo;
- d) **treinamento auditivo** - atividade em que visa ajudar a criança a aprender a ouvir pistas de sons e a discriminar sons diferentes o mais cedo possível;
- e) **desenvolvimento da linguagem** - é a parte mais sutil

e abstrata do problema, referindo-se à assimilação gradual dos significados e das formas de estruturação simbólica que dão representação às idéias.

Nenhuma destas atividades acima descritas existe de forma isolada. São atividades integradas, de relevante importância na aquisição da linguagem do deficiente auditivo.

2.5.2.1 Abordagem dos métodos orais - Os métodos orais são desenvolvidos através das abordagens: Multissensorial e Unissensorial.

A abordagem multissensorial é constituída por três métodos: o de Sanders, de Buberina e o de Tadoma.

O método de Sanders é o mais antigo. Tem como objetivo, familiarizar a pessoa com a natureza do papel exercido pela visão na comunicação.

Seu ponto básico é o treinamento auditivo que é feito com aparelhos de amplificação sonora. A sensibilidade de articulação tem atenção especial e deverá haver uma avaliação auditiva eficaz. A informação auditiva é sempre reforçada pela visão e pelo tato.

O método de Guberina: deve-se explorar o máximo a audição que o indivíduo possui. Seu princípio é de que ninguém é surdo, a audição é um aperfeiçoamento do sentido tátil.

Para Buberina, a transmissão do som através da via óssea ou corporal estimula as células nervosas, possibilitando que as impressões sonoras cheguem ao cérebro por outras vias além da audição.

Este método exige o uso de aparelhos que são denominados de: Suvag I, Suvag II e Mini Suvag.

Método de Tadoma: o sentido tãtil é primordial nesta metodologia.

É pelo tato que o deficiente auditivo aprende as noções de vibrações, intensidade, duração e ritmo.

O reconhecimento das palavras se dá através do tato, onde cabe ao educador sempre que falar colocar a mão no pescoço, para que a criança perceba as vibrações, intensidade e ritmo da palavra falada, treinando assim a sua linguagem.

2.5.2.2 Abordagem unissensorial - Fazem parte desta abordagem o método Acupédico e o método Perdoncini.

O primeiro método tem como objetivo explorar totalmente a audição residual da criança deficiente auditiva, para ajudá-la a desenvolver uma personalidade completamente integrada dentro do mundo sonoro e ensiná-la a falar do sentido da audição.

No segundo método, ou seja, o método de Perdoncini, preocupa-se com a reeducação auditiva. Utiliza o suporte fisiológico da audição, partindo de condicionamentos e do trabalho com logatomos e palavras, a criança recebe a estimulação sonora, fazendo uso do suporte visual para completar a informação auditiva insuficiente.

Todos os exercícios auditivos, trabalha-se com os lábios cobertos, para utilizar somente a audição.

A criança começa a reconhecer sons grupados, sons separados por silêncio, a duração dos sons, a frequência, a intensidade e os grupamentos de sons variáveis em estrutura.

Este método requer o manuseio do aparelho *Pulsatone-analyseur*, onde os impulsos sonoros são emitidos.

2.5.3 Métodos orais-gestuais (mistos)

2.5.3.1 Novo oralismo - Neste processo o ensino da linguagem do deficiente auditivo é realizado através do uso do método digital, da amplificação sonora e da leitura labial.

A criança ainda em idade precoce é submetida a exercícios que envolvem o treinamento de percepções do movimento e posição dos dedos.

A linguagem através deste método, dá à criança uma sintaxe adequada, pois fornece subsídios com significado para a sua cultura, proporcionando à criança estruturas lógicas com as quais poderá pensar e raciocinar.

2.5.3.2 Método Rochester - É uma combinação do método oral com a soletração dos dedos.

A criança também recebe informações através de leitura labial, amplificação sonora e alfabeto digital e se expressa pelo uso sistemático de fala e alfabeto digital.

O alfabeto manual é utilizado pela professora que soletra letra por letra de cada palavra, à medida que vai falando com a criança.

Este processo oportuniza o deficiente auditivo a comunicar-se através da fala e dos gestos. Também estimula a leitura e a escrita do alfabeto e das palavras.

2.5.3.3 Comunicação total - Nesta abordagem, a criança é exposta ao mesmo tempo à leitura orofacial, à estimulação sonora, à linguagem de sinais e ao alfabeto digital.

As crianças apresentam-se calmas, pois usam a fala, os

sinais e o alfabeto digital para poderem se comunicar.

2.5.4 Seleção do método

Na escolha para aplicação de um método para o desenvolvimento da linguagem é necessário fazer um questionamento e deve-se levar em consideração os seguintes aspectos:

- a) data da estalação da surdez; ? ?
- b) época da detecção da surdez; . . .
- c) grau, tipo, extensão da perda auditiva;
- d) diferenças individuais das crianças auditivas;
- e) disposição da família para um tratamento adequado;
- f) realidade sócio-econômica onde a criança está inserida;
- g) filosofia da escola;
- h) formação dos professores;
- i) recursos existentes para o deficiente auditivo.

2.6 ALFABETIZAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO

Sonia KRAMER conceitua a alfabetização

... como um processo de representação que envolve substituições gradativas ('ler' um objeto, uma figura ou um desenho, uma palavra, onde o primordial é apreensão e compreensão do mundo, desde o que está mais próximo à criança ao que está mais distante, visando a comunicação, a aquisição de conhecimentos a troca.

Partindo desta colocação, devemos compreender que a alfabetização não é apenas um processo mecânico de codificar e decodificar sinais gráficos em sinais sonoros, mas é também o processo de compreensão e expressão de significados, onde o educando seja capaz de atuar na sociedade de uma forma mais consciente e participativa.

A aprendizagem da leitura e escrita exige como pré-requisitos o desenvolvimento da linguagem e o domínio de um vocabulário básico e com significado, pois a maturidade lingüística é a base de toda a aprendizagem.

Entretanto, as crianças deficientes auditivas apresentam limitações para a comunicação com as pessoas ouvintes, e essas limitações provocam um atraso no desenvolvimento da criança, afetando as áreas cognitiva, afetiva e social.

Com esses problemas de expressão da linguagem, as crianças deficientes auditivas encontram obstáculos para a aquisição de habilidades básicas da leitura e da escrita. O que faz necessário que estas crianças recebam na pré-escola um atendimento especial, do qual deverá ser dada maior ênfase no sentido de prepará-las para a leitura e escrita, através da estimulação de vocabulário que a criança vai adquirindo no seu dia a dia, e através do treinamento das percepções e atividades que envolvam a psicomotricidade.

A alfabetização do deficiente auditivo é um processo lento, que requer muita habilidade do alfabetizador.

As aulas devem ser alegres e dinâmicas, evitando assim o desinteresse do educando.

Cabe ao professor conhecer o desenvolvimento bio-psico-social da criança deficiente auditiva, como também deverá conhecer os métodos e técnicas de ensino que melhor adapte-se com os interesses e necessidades dos seus educandos.

A preparação do professor e de todos aqueles que estão inseridos na educação da criança deficiente auditiva é de relevante importância para o progresso e desenvolvimento deste educando no processo ensino-aprendizagem.

2.6.1 Métodos de alfabetização

Os métodos utilizados para o ensino da leitura e escrita estão classificados em três grupos:

- a) método sintético;
- b) método analítico;
- c) método analítico-sintético.

2.6.1.1 O método sintético - É aquele que valoriza o reconhecimento das palavras e a atividade do aluno é a de compor, pois inicia com o reconhecimento das letras, sons e sílabas para unidades mais significativas como as palavras, frases ou texto.

Este método está subdividido em vários processos, como:

2.6.1.1.1 Processo alfabético - Conhecido há mais de dois mil anos, este foi o primeiro método a ser utilizado para o ensino da leitura e da escrita.

Reconhecer a palavra era o mais importante, porém muito difícil e abstrato, não havendo um relacionamento com a vivência da criança.

Decorar o nome das letras e sua ordem, era o primeiro passo para o domínio da leitura; depois a criança deveria traçar as letras aprendidas e conseqüentemente aprendiam as sílabas, associando cada consoante com as vogais, chegando assim a formular palavras.

Atualmente este método é pouquíssimo usado, não somente pelas dificuldades que apresenta, mas como também pelo surgimento de novos métodos que oferecem maiores resultados, facilitando a compreensão do mecanismo da leitura e escrita, não visando apenas a memorização.

2.6.1.1.2 Processo iconográfico - Segundo Comenius, esse processo visava no uso de gravuras de animais, cuja voz é semelhante ao som da letra escolhida (processo onomatopeico).

A letra era colocada ao lado da gravura, motivando assim o ensino da leitura.

Com a aplicação deste método, verificou-se que nada havia mudado, continuando a leitura fragmentada, apresentando dificuldades na pronúncia, tornando-se assim, uma difícil compreensão do significado.

2.6.1.1.3 Processo de letras móveis - Preocupado com a educação das crianças excepcionais e baseando-se no processo de Basedow que sugeria o aprender a ler brincando com doces de mel em forma de letras, Pestalozzi construiu as letras móveis com cartões utilizando-se de duas cores, as quais a cor roxa representava as vogais e a preta, as consoantes.

Seguindo as mesmas etapas do processo alfabético, as crianças aprendiam a ler com o auxílio dos cartões móveis e fixavam a aprendizagem através da leitura de palavras em livros.

2.6.1.1.4 Processo silábico - Partindo-se da hipótese de que as sílabas constituíam unidades sonoras que os ouvidos percebiam e discriminavam facilitando a aprendizagem da leitura e escrita, foi empregada a sílaba como unidade geradora, formando assim as palavras e frases.

Inicia-se a aprendizagem através do estudo das vogais com o auxílio de ilustrações e palavras.

Após o domínio das vogais é feita a junção destas com as consoantes, seguindo assim o mesmo procedimento igual aos ante-

riores.

Este processo também dá maior ênfase à leitura mecânica, sendo que a escrita é secundária, pois é usada para a fixação do vocabulário.

Embora sendo um processo considerado antipsicológico, ainda continua sendo ensinado.

2.6.1.1.5 Processo fônico - Caracteriza-se por tomar o som da letra como o ponto de partida, não empregando nome a letra.

Apresenta as seguintes fases:

- a) ensino do som da vogal escolhida e sua representação gráfica;
- b) combinação das vogais entre si (onomatopéia);
- c) ensino da articulação do som que corresponde a consoante e sua representação gráfica;
- d) formulação de palavras e frases com as sílabas já dominadas.

Neste processo, o professor deverá dar maior ênfase no som das consoantes, permitindo que as crianças percebam e imitem repetindo o ruído do som que lhes foi apresentado.

Embora este processo fosse lógico, também apresenta falhas, pois a leitura continua sendo mecânica, porque identificar os sons das letras, não é ler, o que torna a aprendizagem difícil e sem compreensão.

2.6.1.1.6 Processo fonomímico - Consiste no ensino dos sons, associado a um desenho, à mímica, ao gesto, expressões e ruídos indicando a posição dos movimentos dos lábios, durante a emissão dos sons reproduzidos pela voz humana.

Inicialmente era usado para o ensino de crianças surdas e mais tarde foi aplicado para a alfabetização de crianças normais.

Esse processo torna o ensino muito mais dinâmico, despertando o interesse e a atenção da criança, pois parte de histórias e coisas que estão relacionadas com o seu mundo.

2.6.2 Método analítico

Fundamenta-se na Teoria da Gestalt, com a afirmação de que a percepção é global. Parte da estrutura gramatical completa para posterior discriminação despreendendo o todo em partes, isto é, partem de unidades maiores e significativas como as palavras, frases, textos para as sílabas e letras, sendo que a atividade do aluno é a de decompor, dando maior ênfase à compreensão e ao conteúdo.

O método analítico ou global também apresenta alguns processos, que são:

2.6.2.1 Processo da palavração - Apresenta palavras que vão sendo decompostas e que de suas sílabas vai formando outras palavras.

Horace Mann foi quem incentivou a adoção deste processo, pois sua tese era de que as palavras constituíam unidades básicas do pensamento.

Entretanto, o ensino da leitura e escrita através do reconhecimento das palavras sofre suas críticas.

Apresenta lentidão na aprendizagem da leitura, torna-se cansativo para a criança, pois as palavras são repetidas, tornando-se um método pouco interessante, além de propiciar ao edu-

cando uma leitura cheia de pausas, dificultando a compreensão pela ausência de um pensamento completo.

2.6.2.2 Processo de sentencição - O fundamento essencial para os defensores da aplicaçõo deste método é que consideram a sentença a unidade natural da linguagem.

O ensino da leitura através de sentenças proporciona ao educando a captar o sentido do que é lido, levando-o a interpretar o significado de acordo com as suas experiências individuais.

Facilita a estruturação do hábito de perceber porções de sentido, de um grupo de palavras, formando frases e proporciona um bom ritmo de leitura.

Este processo visa o uso de orações gramaticais completas para decomposiçõo e recomposiçõo das palavras, sílabas e letras.

É muito produtivo, mas quando as sentenças não condizem com o interesse do educando, as suas vantagens desaparecem.

2.6.2.3 Processo do conto - É uma modalidade do processo de sentencição.

Apresenta as sentenças que estão ligadas pelo sentido, formando um conto ou uma história. Existe uma perfeita organização mental, porque cada unidade de leitura tem começo, meio e fim.

Através de jogos, dramatizações, danças e outras atividades, mantém o interesse da criança, mas pode levar o educando a querer adivinhar o que vai ser narrado, dificultando o reconhecimento das palavras a serem estudadas.

2.6.2.4 Processo de unidades de experiência - Visa introduzir a leitura como meio de comunicação, porque apresenta um texto significativo.

Cabe ao professor promover situações adequadas para fixar o que já foi aprendido e praticar a análise fonética, porque esta habilitará o educando conhecer novas palavras com elementos já dominados.

2.6.3 Método analítico-sintético

Utiliza recursos tanto do método analítico como do método sintético; por esta razão é conhecido como método misto ou eclético.

Tem como característica tomar o som como ponto de partida para ensinar a leitura, levando a criança a perceber a relação entre os sons, as formas das letras e a possibilidade de combiná-los em elementos significativos.

O método misto apresenta a História da Abelhinha em oito capítulos e tem como objetivo despertar o interesse da criança e conduzi-la a analisar, comparar e sintetizar os sons iniciais das palavras até se familiarizarem com os elementos da linguagem e dominar o mecanismo da leitura.

Este método não é difícil de ser aplicado, pois oferece ao professor material pronto e de fácil manuseio, mantém o interesse da criança, permite recuperação para aqueles que apresentam defasagem na aprendizagem, evita a fixação de erros na escrita das letras e cria hábitos de trabalho independente.

O professor que alfabetiza por este método também precisa estar tecnicamente bem preparado e ter muita experiência, para não emitir de uma forma errada o som de cada fonema.

As orientações metodológicas para a alfabetização do deficiente auditivo aqui prescritas seguem as orientações do Guia Curricular do Departamento de Educação Especial da S.E.E.D. do Estado do Paraná.

3.1 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

O trabalho com o deficiente auditivo em idade escolar deve obedecer esta seqüência:

- a) linguagem receptiva;
- b) linguagem expressiva;
- c) leitura;
- d) escrita.

A cada fonema impostado nas aulas de ritmo, o professor deve programar um trabalho de:

- a) associação da forma gráfica ao movimento corporal e ao ponto de articulação; percepção das vinhações das cordas vocais e da caixa torácica;
- b) associação da forma gráfica do fonema à fala (leitura e escrita);
- c) treino do traçado da forma gráfica (de espaços amplos para espaços restritos);
- d) treino da forma gráfica junto com a linguagem oral;
- e) treino da terminologia adequada (maiúsculas, minúscu-

las, cursiva, de imprensa);

- f) treino de vocalizações e estruturas com base na leitura (o prolongamento das letras representa até onde vai a respiração):

a _____

a a a

a _____

a _____o

a o

a _____o

- g) registro de cada passo alcançado pelo deficiente auditivo num "Caderno de Fala" individual e em Cadernos de Atividades, para a fixação dos exercícios de escrita que envolvam todas as atividades desenvolvidas.

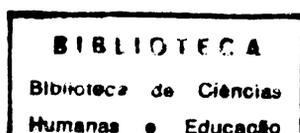
3.1.1 Sugestões para se fixar as vogais

Após falar a vogal a

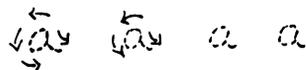
- a) cobrir com o dedo a forma *ʼaʼ*, a partir do ponto inicial da letra traçada numa superfície ampla (quadro-negro, chão, papel jornal), falando:

a _____

- b) sentir no corpo o traçado da letra feita com cotonete embebido em álcool;
- c) traçar a letra no ar com o dedo indicador;
- d) colorir a letra pontilhada com um lápis cera (letra grande, folha sem pauta):



- e) cobrir várias letras *a a a* pontilhadas colocadas no sentido da direção da escrita (observar atentamente a direção do traçado):



- f) traçar a letra *a* logo abaixo de um modelo dado:

a *a*

- g) cobrir várias letras *a* interligadas:

aaaaaa

(OBS.: muita atenção nesta fase para a criança não deturpar o movimento; passar uma linha de exercícios por vez e acompanhar a realização do mesmo);

- h) continuar letras iniciadas, interligadas:

aaaaaaa.....

- i) recortar e colar letras de imprensa, associando-as às manuscritas (minúsculas):

a a

- j) falar e traçar o *a* maiúsculo:

a

- k) recortar e colar letras maiúsculas de imprensa associando-as às manuscritas:

a A

- l) recortar e colar letras de imprensa, associando-as às letras manuscritas:

a a

a A

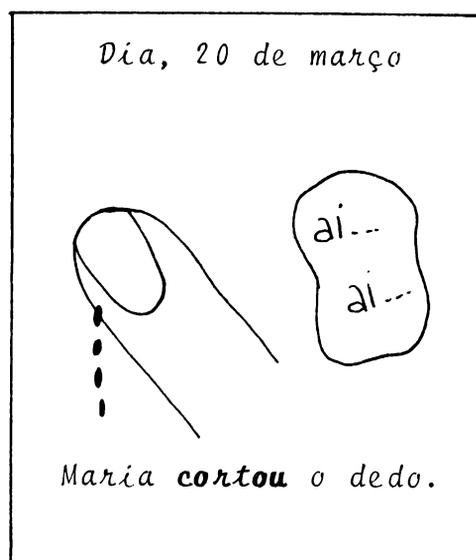
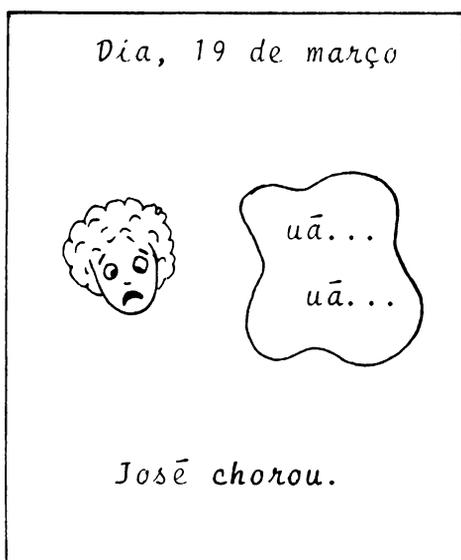
- m) quando o aluno tiver domínio da leitura, escrita, fala, audição ou leitura labial, deverá passar para a

vogal *o*, e posteriormente a letra *u*, *e* e depois o *i*, seguindo os mesmos passos da vogal .

Após o domínio das vogais, inserir a junção das vogais, passando a utilizá-las na conversação diária em situações oportunas, e registrarã-las no caderno de fala.

Exemplo:

NOTÍCIA



Escrever a notícia embaixo do quadro para que seja repetida da mesma forma quando fizer recordação dos dias anteriores e para que o aluno vá retendo a forma gráfica das palavras (leitura ideográfica).

JUNÇÃO DAS VOGAIS





Ao trabalhar com as junções deverá ser usado as expressões fisionômicas para cada uma delas.

ESTRUTURAS

ia ia

au au

ai ai ai

ai ai

ua ua

oi oi oi

ia ia

au ua

ai ai

ai

au

oi

3.1.2 O trabalho com as consoantes

Deverá ser iniciado somente depois que a criança já tiver dominado e memorizado as vogais.

Atividades a serem desenvolvidas:

- a) impostar o fonema consonantal no ritmo corporal e musical;

- b) associar o fonema consonantal à sua forma gráfica;
- c) trabalhar o traçado seguindo o **ritmo do aluno**;
- d) registrar o fonema consonantal no "*Caderno de Fala*";
- e) destacar os fonemas usando as cores:
 - i) fonemas surdos: azuis;
 - ii) fonemas sonoros: vermelhos;
 - iii) fonemas nasais: marrons;
 - iv) fonemas em letras de imprensa: pretos*;
- f) obedeça à progressão fonética segundo a facilidade do aluno: a experiência tem-nos mostrado que é melhor **obedecermos** aos interesses e necessidades do deficiente auditivo do que fazê-lo nos seguir simplesmente.

3.1.3 Sugestões de trabalho com o fonema P

Características do fonema:

- a) surdo;
- b) explosivo;
- c) bilabial.

Impostado o fonema (com ênfase no ritmo corporal e musical, mas também explorando os OFAS), trabalhar com as sílabas por ele formadas com o acréscimo das vogais

PA PE PI PO PU

Trabalhar em seguida com o vocabulário correspondente da criança.

* As cores azuis, vermelho e marrom são usadas para destacar as letras cursivas e todos os fonemas consonantais manuscritos acrescidos de vogais ficam vermelhos (sonoros).

Todos os fonemas devem ser trabalhados em letras maiúsculas e minúsculas, de imprensa e cursiva.

Exemplo: somente ensinar a falar **pã** após a criança ver uma pã, explorá-la, trabalhar ou brincar com ela (se for pequena). Após isto, acrescentar a palavra no "*Caderno de Fala*" e trabalhar a fala, leitura, escrita e leitura lábio-facial, formulando exercícios como:

- a) ligar a palavra ao desenho;
- b) formar palavras com a letra **p**;
- c) ditado de palavras.

Não se deve esquecer que é muito importante nessa fase que o aluno comece a inferir a existência dos gêneros masculino e feminino. Deve ser feito de forma natural, acrescentando o artigo definido correspondente a cada palavra diante dela:

a pia **o** pã **a** pã

Não se deve trabalhar **palavras** que não estejam diretamente ligadas à vivência e interesse do aluno.

Cada palavra deve ser trabalhada de forma sistemática e repetida, para que haja a fixação, formulando exercícios como:

- a) escrever o nome do desenho;
- b) desenhar o que se pede;
- c) colocar **o** ou **a** nas palavras;
- d) copie estas palavras: pé - pão - pã (as palavras deverão estar relacionadas com os desenhos).

As frases criadas naturalmente dentro de situações vivenciadas devem ser registradas para posterior trabalho.

Use as histórias para explorá-las.

É importante fazer exercícios de completar frases, utilizando-se de desenhos para serem substituídos por palavras escritas.

Lembrar sempre a diferença entre as letras manuscritas e

imprensa, maiúsculas e minúsculas, trabalhando gradativamente essa transposição através de exercícios.

3.1.4 Sugestões de trabalho com o fonema V

Características do fonema:

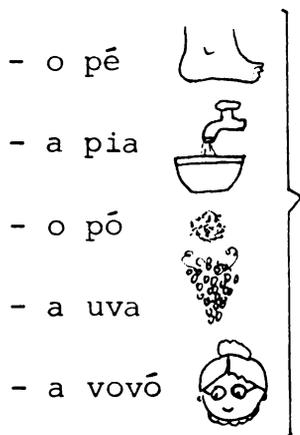
- a) fricativa;
- b) oral;
- c) sonora;
- d) anterior (lábio-dental).

Seguir as mesmas instruções do fonema P, porém elaborar exercícios que envolvam o fonema a ser estudado.

O fonema V possibilita a aprendizagem da leitura e escrita de uma das ações mais significativas para o deficiente auditivo: **ver**.

A partir desta ação, o professor pode trabalhar com a noção de tempos, modos e pessoas.

Exemplo: O papai **vê**:



ação no presente

O papai viu:

- X
- X
- X
- X
- X

ação do passado

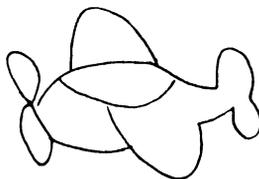
Ao trabalhar a ação no passado deve-se fazer exercícios de memória. O deficiente auditivo deve falar o vocabulário anterior, sem vê-lo.

Ao cobrar a fala das crianças primeiro faz-se necessário usar o apoio do desenho e, quando o verbo for no passado, o (X) deve representar a ausência do objeto. Este é um ótimo exercício para a memória verbal da criança.

O verbo **voar** deve ser também trabalhado com este fonema: é muito propício a exercícios de "absurdos;" que tanto agradam as crianças deficientes auditivas.

Ação no presente:

O avião voa.



A ave voa.



Eu X vôo.

O papai X voa.

O tio X voa.

Observação: O (X) significando negação deve ser ensinado com **não** neste exercício.

Ação no passado

A ave voou. (X)

O avião voou. (X)

Outro exercício muito atraente para o deficiente auditivo é: ler a frase e desenhar o que ela expressa:

a) A ave voa.

b) A ave X voa.

c) Eu vi a vovô.

d) A vovô viu o vovô.

Nesta fase já se pode iniciar o ditado de pequenas frases.

É importante salientar que a função do ditado para o deficiente auditivo não é somente verificar se houve aprendizagem. O ditado é uma excelente forma de se trabalhar **atenção, desenvolver a leitura labial e memória.**

Procure fazer desta uma atividade rotineira, se possível todos os dias, mas no máximo utiliza 10 minutos para esta atividade não tornar cansativa.

Num dia, prepare palavras, estimule a situação de jogo e faça o ditado de cinco a seis palavras, seguindo a ordem de uma

numeração no sentido vertical.

Não deixe o aluno errar; se ele precisar de ajuda, não vacile em ensiná-lo, mas só em último caso deixe o aluno copiar a palavra.

O aluno deverá deixar o lápis na carteira, virar a folha do ditado e olhar a palavra que irá ser escrita no quadro. Em seguida o aluno deverá escrever com o dedo a palavra no ar e com os olhos fechados, tentar lembrar o desenho da palavra, e depois pedir-lhe que olhe novamente a palavra que está no quadro.

Avise-o que vai apagar o quadro, que ele vai virar a folha, pegar o lápis e lembrar da palavra escrita quando você fizer o ditado.

Utilize esta forma de fixação como rotina e os alunos irão se acostumar com o **jeito de aprender as palavras**.

No dia seguinte, faça ditado de duas frases dentre todas as que você preparou com as crianças e que estão no **Caderno da Fala**.

Se houver frases comuns a todos, prepare com a turma toda. Se houver necessidade, faça uma preparação individual.

Por exemplo:

Escreva quatro frases conhecidas no quadro. Leia com os alunos. Apague palavras para que eles se lembrem do que fala.

_ Complete o que falta.

Faça as crianças apontarem as frases quando você fala.

Faça as crianças apontarem palavras soltas dentro das frases.

Peça para uma criança ler e as outras apontarem o que ela leu.

Treine a terminologia do ditado de frases: (parágrafos, letra maiúscula, ponto).

Não repita muitas vezes as ordens, pois isto irrita e cansa a criança.

Dite **duas** frases, avalie o trabalho, reforce os resultados positivos, estimule para a atividade do dia seguinte.

Você pode e deve misturar palavras dentro das frases ditadas para que a criança fique atenta à leitura labial.

Exemplo:

A ave voa.

A pipa voa.

O avião e o vovô.

A ave e a pipa.

3.1.5 Sequência do trabalho

Devemos lembrar que após cada fonema aprendido é necessário fazer a fixação.

Não se deve prender a progressões fonéticas fixas, mas é importante seguir o ritmo da criança e a facilidade na impo-
s-tação do fonema que estes apresentam.

A cada **passo** surgem situações para uma melhor estruturação da linguagem que podem e devem ser aproveitadas.

Por exemplo: quando for trabalhado o fonema **d**, pode ser introduzidas frases com **do**, **de**, **da** no sentido de pertencer.

O bonê é **do** bebê.

A luva é **da** vovô.

O ovo é **da** ave.

Eu vi a pipa **do** menino.

As frases devem ser redigidas a partir de situações vi-

venciadas pela classe e a professora deve criar situações para que as crianças falem e redijam frases explorando o aprendido.

Por exemplo: um dos alunos está de bota, outro de bonê, outro trouxe pão como lanche.

Fazer um cartaz com a indagação abaixo, perguntar oralmente, mostrando o cartaz:

DE QUEM É ?

- *De quem é a bota?*

Os alunos devem responder oralmente:

- *A bota é do Paulo.*

- *Então vamos escrever o que você falou.*

- *De quem é o pão?*

- *O pão é do José.*

- *De quem é o bonê*

- *O bonê é do Pedro.*

Oralmente e com o apoio do cartaz, inverter o questionamento:

QUEM ?

- *Quem tem um bonê?*

- *O Pedro.*

- *Quem tem o pão?*

- *O José.*

- *Quem tem a bota?*

- *O Paulo.*

À medida em que se forem estabelecendo outras noções e

haja possibilidade de aproveitamento como exercícios de leitura e escrita, utilize-as:

QUE COR ?

DE QUE ?

COM QUEM ?

ONDE ?

QUANDO ?

QUANTOS ?

São estas indagações que vão dando um sentido lógico e gramatical às frases, corrigindo de forma natural a "fala telegráfica" que o surdo geralmente tem.

O professor deve ter especial cuidado com os **artigos**, os **numerais**, as **preposições**, os **adjetivos** e os **verbos** que vão sendo gradativamente aprendidos pela criança deficiente auditiva.

É necessário que haja um trabalho constante e dinâmico com a turma.

3.1.6 Tipos de exercícios

- a) ligue o desenho à vogal inicial;
- b) ligue à vogal inicial dos desenhos;
- c) ligue a palavra ao desenho;
- d) copie as palavras de cada desenho;
- e) ligue as frases aos quadros;
- f) complete as palavras;
- g) complete as frases;
- h) escreva o nome dos desenhos de acordo com os numerais;

i) forme palavras com esta sílaba e faça o desenho;

j) ler e falar as seguintes estruturas:

ta ta ta ta ta ta _____

ta ta ta ta _____

ta ta ta _____

ta ta _____

k) ler e falar:

a _____ ta

o _____ to

u _____ tu

e _____ te

i _____ ti

l) ler e falar:

pa pa to

opa ta a ta pa pa to

opa to a tata ta ta ta

opa opa ata ata to to to

to to ta ta pa po.

Lembre-se: a repetição e fixação são necessárias. Elabore exercícios sempre relacionados com desenhos, e explore o vocabulário em muitas situações concretos como: brincadeiras, desenhos, modelagens, dramatização, recortes, pinturas, histórias e todas as atividades que levem a criança deficiente auditiva ter o prazer de aprender.

4 CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi de conhecer qual o método de alfabetização utilizado para as crianças deficientes auditivas.

A realização desta pesquisa deu-se através de embasamentos teóricos, observações e anotações no transcorrer do curso e pelas orientações recebidas pela Orientadora deste trabalho.

Observando os métodos de alfabetização aqui prescritos, nota-se que ouve grande preocupação por parte dos educadores, em encontrar uma metodologia adequada para o processo da alfabetização.

Muitas mudanças foram propostas, porém percebe-se que tanto o método analítico como o método sintético apresentam vantagens e desvantagens, indicando os autores o uso do método eclético, uma vez que este é constituído pela combinação de vários processos.

Com relação ao método de alfabetização para o deficiente auditivo, percebe-se que não existe um método puro nem específico, e estudos recentes demonstram preferências pelo método analítico-sintético, porque este não se preocupa apenas com o mecanismo da leitura e da escrita, mas também, com a compreensão do significado.

No entanto ao trabalharmos com a alfabetização do deficiente auditivo devemos também reconhecer e valorizar as outras técnicas empregadas para o desenvolvimento deste educando.

A educação dos sentidos é uma estratégia que vem auxiliar o

processo desta alfabetização, porque o desenvolvimento da leitura, da fala e da leitura labial estão ligados aos órgãos do sentido, facilitando a preparação deste educando para uma alfabetização mais eficaz.

Além da qualificação dos métodos, da prontidão da criança não podemos esquecer que a conscientização do professor é indispensável para toda e qualquer aprendizagem, onde o autoritarismo, a rotina e a improvisação deverão ser extinguidas.

Cabe ao professor reconquistar o seu espaço, onde o "amor e a arte de ensinar" deverá ser a meta de todo o educador principalmente nos dias atuais.

Concebo por alfabetização como o alicerce de toda a aprendizagem a "desmarginalização" do indivíduo à cultura de um povo, porém pouco valorizada.

Mas tenho a certeza que se caminharmos de mãos dadas, com a família, a escola e a comunidade através de um trabalho conciente a educação do deficiente auditivo, como a educação no seu aspecto geral será a prioridade nesta sociedade que se diz, ser "democrática".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ABUD, Maria José Milharezi. O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização. São Paulo, Pedagógica e Universitária Ltda, 1987.
- 2 AMORIM, Antonio. Fonoaudiologia geral. Rio de Janeiro, Enelivro Ltda, 1982.
- 3 BELVILACQUA, Maria Cecília. A criança deficiente auditiva. Cadernos Brasileiros de Educação. São Paulo, Cortez, 1987.
- 4 CADERNOS DE ALFABETIZAÇÃO. Uma reflexão sobre uma prática de alfabetização a serviço das classes populares. Educar-Revista do Setor de Educação U.F.P. nº 1 - maio 1986. SEED/UFPr.
- 5 CARACIKI, Abigail. Distúrbios da palavra. Rio de Janeiro, Mario, 1980.
- 6 GUIA CURRICULAR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA SEED DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba.
- 7 IMPORTÂNCIA DE OUVIR E FALAR. Currículo - ano 3 - nº29 1977.
- 8 KIRK, Samuel A.; GALLARGHER, James J. Educação da criança excepcional. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- 9 MAZZOTA, Marcos José da Silveira. Fundamentos de educação especial. São Paulo, Pioneira, 1982.
- 10 MÉTODO SINTÉTICO - SEED - Curitiba, 1976.
- 11 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, SECRETARIA GERAL, CENTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Proposta curricular para o deficiente auditivo. V. II, 1979.
- 12 SOARES, Magda Becher. Muitas facetas da alfabetização. Caderno de Pesquisa, São Paulo, nº 52, p.19-24 (1985).
- 13 SPERB, Dalilla G. Problemas gerais de currículo. Porto Alegre, Globo, 1972.